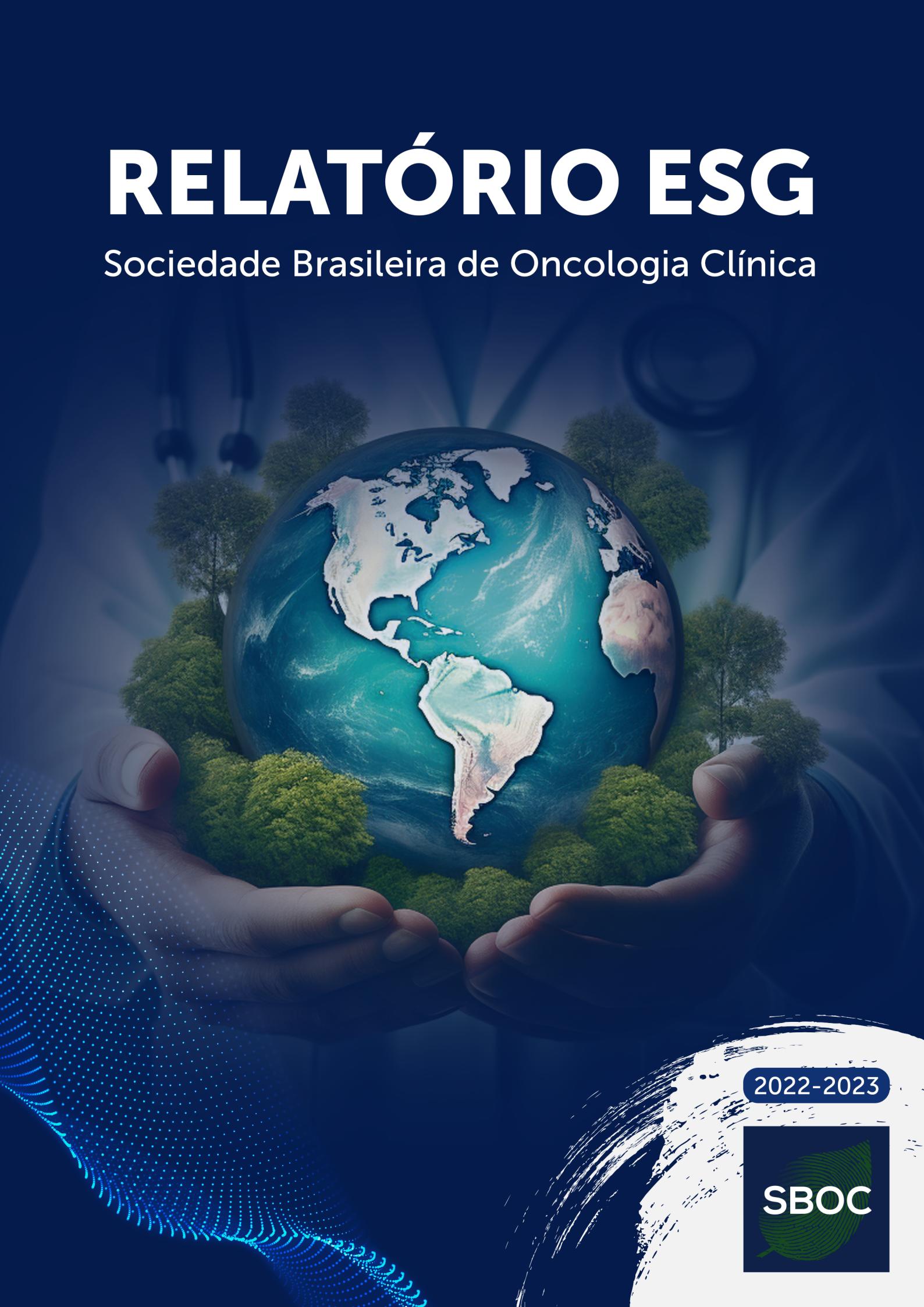


RELATÓRIO ESG

Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica



2022-2023



Diretoria SBOC – Gestão 2023

Presidente:

Dr. Carlos Gil Ferreira

Diretoria:

Dr. Alexandre Andrade dos Anjos Jácome
Dra. Aline Lauda Freitas Chaves
Dra. Andréia Cristina de Melo
Dra. Angélica Nogueira Rodrigues
Dra. Clarissa Baldotto
Dra. Daniela Rosa
Dr. Duílio Rocha Filho
Dra. Maria Ignez Freitas Melro Braghioli
Dra. Mariana Tosello Laloni

Presidente Eleita:

Dra. Anelisa Kruschewsky Coutinho Araújo

Presidente de Honra:

Prof. Dr. Paulo M. Hoff

Conselho Fiscal:

Dr. Diogo Bastos
Dr. Fábio André Franke
Dr. Fernando Meton

Diretora Executiva:

Dra. Marisa Madi

Expediente / Produção do Relatório

Criação e Redação: • Maíra Del Papa (Gestão Origami) • Renata Bortoleto
• Lucas Bonanno • Guilherme Almeida • Marina Nagata • **Diagramação e Arte:** Grano Studio
• **Revisão:** Renata Lopes Del Nero

SUMÁRIO

Apresentação

4

Atuação junto aos profissionais oncologistas

15

Escola Brasileira de Oncologia (EBO)

18

Congresso e prêmios SBOC

22

Atuação científica

24

Modelo de governança

27

Articulação política

32

Ética e integridade

36

Serviços à sociedade: informação, conscientização e aproximação

37

Eixo ambiental

39

Visão de futuro: novos desafios para a SBOC

42

1) APRESENTAÇÃO



Carta da Diretoria

A Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica (SBOC) é, por essência, uma instituição com objetivos sociais. Desde sua fundação, há mais de quatro décadas, até os dias atuais, a SBOC tem-se dedicado a diferentes ações para a formação e a educação continuada dos profissionais que prestam cuidados aos pacientes com câncer no país, assim como tem atuado em prol de políticas públicas inclusivas e pesquisas na área.

A instituição acredita que o cumprimento da sua missão de "impulsionar a promoção da saúde no Brasil" passa, necessariamente, pelo suporte à população na conscientização sobre os meios eficazes de prevenção e diagnóstico precoce do câncer e, também, pela ampliação da assistência oncológica ao maior número de pessoas, independentemente da sua condição social, econômica ou geográfica.

Em recente Planejamento Estratégico, cujo objetivo foi redefinir as prioridades da SBOC para os próximos anos, ficou evidente a importância de expandirmos a atuação social da entidade, continuar fortalecendo a nossa governança corporativa e criarmos e apoiamos – dentro da nossa área de atuação – políticas de proteção ao meio ambiente.

Neste primeiro Relatório ESG, apresentamos em detalhes o que já vem sendo desenvolvido pela SBOC nessa área e outras atuações que podemos ter em busca de um futuro mais saudável, sustentável e equitativo para todos.

Dr. Carlos Gil Ferreira
Presidente da SBOC (2023)

SOBRE ESTE RELATÓRIO: SBOC E A AGENDA ESG

Seguindo as principais tendências nacionais e internacionais, a Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica (SBOC) publica seu primeiro Relatório ESG, visando reportar, de forma clara e transparente, os principais temas ESG (do inglês *environmental, social, and governance*) relacionados à sua atuação, bem como as principais iniciativas conduzidas pela entidade nos anos de 2022 e 2023.

Nos últimos anos, a SBOC tem ampliado seu olhar sobre os temas ESG, reavaliando sua responsabilidade como uma organização que atua em uma sociedade que precisa caminhar para modelos de atuação cada vez mais sustentáveis.

No planejamento estratégico elaborado pela SBOC em 2022, um dos resultados esperados para que a instituição atinja sua ambição de ser uma “articuladora independente do ecossistema de oncologia clínica” envolve “assegurar impactos em requisitos ESG”, e uma das competências internas a serem fortalecidas pela equipe abrange exatamente as competências em ESG.

Nesse sentido, no final de 2023, a SBOC desenvolveu sua primeira Matriz de Materialidade, a qual buscou definir os principais temas socioambientais relevantes para sua atuação, a partir da perspectiva de seus diferentes grupos de interesse. Adotando o conceito de “dupla materialidade” — uma das mais recentes tendências em matéria de relatórios de sustentabilidade que avalia tanto o impacto externo da organização no planeta e na sociedade quanto o impacto do planeta e da entidade na sua atividade —, a SBOC definiu os principais temas ESG que deveriam fazer parte deste relatório e que devem guiar sua estratégia nos próximos anos.

Nesse processo, foram consultados os principais *stakeholders* da SBOC; para tanto, foram adotados três métodos de consulta, de acordo com as especificidades de cada grupo de *stakeholder*: entrevistas, questionário on-line e pesquisa secundária. Entre os entrevistados internos, destacaram-se: o presidente em exercício no ano de 2023, o presidente de honra, a presidente eleita, um dos ex-presidentes da SBOC, representantes da Diretoria Executiva e do Conselho Fiscal, além de gerentes responsáveis pelos temas cobertos por este relatório. Entre os entrevistados externos, foi possível coletar a opinião de representantes do Ministério da Saúde, de uma empresa farmacêutica parceira da SBOC e do Oncoguia (portal informativo voltado para a qualidade de vida do paciente com câncer, seus familiares e público em geral).

A pesquisa secundária contou com um levantamento das práticas ESG adotadas pelas duas principais sociedades médicas internacionais de oncologia clínica – a European Society for Medical Oncology (ESMO) e a American Society of Clinical Oncology (ASCO) – bem como pela Sociedade Brasileira de Cardiologia (SBC), uma das mais antigas sociedades médicas do Brasil, focada no cuidado cardiovascular dos brasileiros.

Por fim, foi aplicado um questionário on-line, que contou com 136 respondentes, os quais puderam compartilhar sua opinião sobre 26 temas ESG (conforme abaixo) previamente identificados nas entrevistas e na pesquisa secundária. Entre os respondentes, 60% eram associados da SBOC (sendo 45% de associados titulares, 10% de associados colaboradores e 5% de associados juniores / residentes), 10% eram colaboradores (sendo 7% de funcionários ou consultores e 3% de membros da diretoria), 12% eram parceiros da SBOC (sendo 6% de representantes de associações ou sociedades médicas, 4,5% de representantes de empresas médicas ou farmacêuticas parceiras e 1,5% de representantes de órgãos governamentais) e o restante era composto por pacientes, oncologistas não associados, parentes de paciente oncológico, farmacêuticos, estudantes etc.

Os 26 temas ESG avaliados, considerando as três dimensões de análise, foram:



De governança: integridade e ética, conflito de interesses, transparência e *accountability*, sustentabilidade financeira, governança corporativa, diversidade racial e de gênero nos órgãos de governança, influência em políticas públicas, geração e disseminação do conhecimento científico, cibersegurança, privacidade e proteção de dados, gestão sustentável da cadeia de suprimentos.



Social: desigualdades sociais e regionais no acesso a prevenção, diagnóstico e tratamento do câncer, conscientização da população sobre o câncer, diversidade e inclusão, equidade salarial, formação e desenvolvimento de carreira, saúde e bem-estar, condições de trabalho, engajamento de associados, exposição a fatores de risco ambientais e ocupacionais, direitos humanos.



Ambiental: impacto das mudanças climáticas na incidência do câncer, emissões e neutralização de carbono, consumo de água e energia, uso, descarte e rastreabilidade de medicamentos, gestão de resíduos e efluentes.



A partir da análise das respostas obtidas no questionário, das entrevistas e da pesquisa secundária, 11 temas foram priorizados para a construção da Matriz de Materialidade, sendo eles:

- Desigualdades sociais e regionais no acesso a prevenção, diagnóstico e tratamento do câncer.
- Condições de trabalho, saúde e bem-estar.
- Diversidade, inclusão e representatividade.
- Conscientização da população sobre o câncer.
- Mudanças climáticas.
- Uso e descarte de medicamentos e produtos quimiotóxicos e radioativos.
- Gestão de resíduos.
- Conflitos de interesse, ética e *compliance*.
- Influência em políticas públicas.
- Geração e disseminação do conhecimento científico.
- Privacidade e proteção de dados.



Por fim, em dezembro de 2023, foi realizado um workshop ESG junto à diretoria da SBOC, no qual esses 11 temas foram apresentados em detalhe e priorizados, considerando dois tipos de impacto de cada um dos temas: impacto da organização no ambiente, nas pessoas e na sociedade (*inside-out* ou materialidade de impacto) e impacto na organização, isto é, considerando a relevância dos temas para o negócio e no potencial de criação de valor da organização (*outside-in* ou materialidade financeira). Como resultado, a Matriz de Materialidade da SBOC foi elaborada, conforme gráfico na página seguinte:



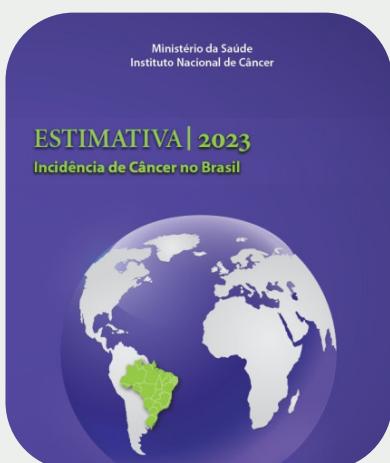
Matriz de Materialidade da SBOC

Entre os temas priorizados, seis deles foram avaliados como tendo alto impacto DA organização e NA organização, sendo eles:

1. Conflitos de interesse, ética e *compliance*.
2. Geração e disseminação do conhecimento científico.
3. Influência em políticas públicas.
4. Desigualdades sociais e regionais no acesso a prevenção, diagnóstico e tratamento do câncer.
5. Condições de trabalho, saúde e bem-estar.
6. Conscientização da população sobre o câncer.

Além destes, os temas de privacidade e proteção de dados e de diversidade, inclusão e representatividade também foram considerados de alta relevância para a atuação presente e futura da SBOC.

CONTEXTO: A REALIDADE DO CÂNCER NO BRASIL



Segundo a publicação “Estimativa 2023 – Incidência do Câncer no Brasil”,¹ desenvolvida pelo Instituto Nacional de Câncer (Inca), o câncer é o principal problema de saúde pública no mundo e um dos maiores responsáveis por mortes prematuras (antes dos 70 anos). Essa tendência de crescimento global explica-se não só pelo envelhecimento da população, mas também por mudanças estruturais na qualidade de vida e questões ambientais que impactam diretamente na saúde.

Nessa perspectiva, o documento revela que, para o Brasil, a estimativa para o triênio de 2023 a 2025 é de 704 mil novos casos de câncer no período. Esse contingente de pessoas,

muitas das quais encontrarão barreiras estruturais no acesso ao tratamento oncológico, traz um desafio para o sistema e seus profissionais, que precisarão absorver essa demanda.

Ainda que a oncologia brasileira seja reconhecida internacionalmente como uma das melhores do mundo, a questão do acesso é um problema complexo a ser combatido. Uma realidade vivida por dois terços da população que dependem do Sistema Único de Saúde (SUS), que enfrentam enormes filas para a prevenção, o diagnóstico (muitas vezes, tardio) e o tratamento da doença, com hospitais que não acompanham a incorporação de novos medicamentos e tecnologias, devido, sobretudo, ao alto custo.

Quando comparada à estrutura de acesso da saúde suplementar (planos de saúde, serviços privados e convênios), nota-se que essa disparidade é uma das maiores do mundo, reflexo da alta desigualdade social existente no Brasil. Mesmo entre a prática privada, existem enormes diferenças de realidades: de um lado, os serviços de baixo custo e, de outro, os de alto desempenho.

Vivemos, portanto, em um cenário de aumento do custo do tratamento oncológico, com novos medicamentos cada vez mais caros, que precisam ser absorvidos pelas fontes pagadoras, contemplando o SUS e a saúde suplementar. Esta é uma pauta que está ganhando espaço no debate público, com ações coordenadas entre o governo, sociedades médicas e o terceiro setor, mas que ainda demanda muitos avanços.

¹Instituto Nacional de Câncer (Inca). Estimativa 2023: incidência de câncer no Brasil. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/publicacoes/livros/estimativa-2023-incidencia-de-cancer-no-brasil>. Acessado em: 15 out. 2024.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ONCOLOGIA CLÍNICA



A Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica (SBOC) é uma entidade médica que visa ampliar e fortalecer a prática da oncologia clínica no Brasil, como resposta ao enfrentamento, ao tratamento e à prevenção do câncer no país. Uma associação que representa os médicos oncologistas clínicos, atuando no incentivo a formação e pesquisa, educação continuada, políticas de saúde, defesa profissional e relações nacionais e internacionais. Além disso, a SBOC busca ser um agente relevante no fortalecimento da especialidade, acompanhando a produção de novos conhecimentos e promovendo seu crescimento no Brasil e no mundo.

Focos de atuação:

- Desenvolvimento de programas educacionais voltados a formação, treinamento e capacitação dos médicos oncologistas.
- Participação em fóruns sobre incorporação de novos medicamentos e tecnologias.
- Atuação política em discussões (públicas e privadas) para dar respaldo técnico para a criação de projetos de leis e mecanismos de acesso ao tratamento pela população brasileira.
- Disponibilização de conhecimento científico para a sociedade, com conteúdos com rigor técnico elaborados por médicos especialistas.

A SBOC trabalha diariamente para oferecer aos especialistas melhores condições de trabalho e qualidade de assistência a seus pacientes oncológicos.

MISSÃO

- Estimular o exercício ético da oncologia e da valorização profissional, tendo por princípio a melhoria das condições de vida dos profissionais e pacientes.
- Organizar, propor e defender políticas e medidas que assegurem ao oncologista clínico excelência em formação, atuação e reconhecimento profissional.
- Valorizar o ensino e a educação continuada por meio do incentivo à pesquisa, da colaboração com instituições de excelência e da promoção de iniciativas que inspirem o progresso da oncologia.
- Promover a multidisciplinaridade no atendimento oncológico e na pesquisa clínica, de forma a incentivar o apoio mútuo, a troca de informações e o desenvolvimento conjunto dos profissionais da área.

VISÃO

- Ser reconhecida como uma sociedade pioneira e efetiva na promoção e no progresso da oncologia clínica no Brasil.

VALORES

- Ética e integridade.
- Liderança, excelência e promoção da inovação em oncologia.
- Respeito às pessoas e foco na comunidade médica e nos pacientes oncológicos.

HISTÓRIA E RENOVAÇÃO

A Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica (SBOC) foi fundada, oficialmente, em 21 de outubro de 1981, mas a sua história começou em julho de 1963, quando o médico José Caetano Cançado liderou a criação da Sociedade Brasileira de Quimioterapia Antineoplásica, em Belo Horizonte (MG), a primeira sociedade voltada ao estudo do tratamento clínico oncológico no Brasil. Mas suas atividades foram interrompidas com a morte de seu presidente, o médico baiano Dalmo Carvalho Rodrigues.



Em 1979, durante um simpósio em Porto Alegre (RS), a entidade ressurgiu com novo nome, Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica, que permanece até hoje, e elegeu seu primeiro presidente, Dr. Milton Cunha Filho – desde então, dezenas de oncologistas clínicos têm-se dedicado voluntariamente às diretorias da SBOC. No ano de fundação, instituiu-se formalmente, e de forma recorrente, um encontro de oncologistas clínicos para troca de experiências, o Congresso SBOC.

A SBOC começou a crescer a partir dos anos 1980 com a missão de qualificar oncologistas clínicos e demais profissionais que atuam na oncologia. Mas avançou também em outras frentes, como incentivo à pesquisa, educação médica continuada, criação de grupos temáticos de acesso, relações governamentais, políticas e ações públicas, além de levar informação para a sociedade.

Até os anos 1970, o termo “oncologia” era pouco conhecido e praticamente não usado no Brasil: o tratamento, a prevenção e o conhecimento sobre o câncer eram mais escassos, sobretudo se comparados ao que é hoje. Nesse sentido, a história da SBOC se confunde com a da própria prática sistematizada da oncologia no país (em seu cuidado mais amplo e durante toda a jornada do paciente) e hoje é uma das especialidades mais reconhecidas no território nacional.

A nova SBOC

Desde o seu surgimento, a SBOC sempre foi respeitada, do ponto de vista científico, como uma importante sociedade médica. Mas, depois de anos de existência, seus membros sentiram a necessidade de dar um novo passo para encontrar mais espaço político e fazer frente aos novos desafios que surgiam. Entendeu-se que a mudança física da associação seria fundamental: a sede da SBOC deixou, então, de estar localizada em Belo Horizonte (MG), sendo transferida para a cidade de São Paulo, onde foi instalada no Conjunto Nacional, na avenida Paulista.

Em 2015, uma nova eleição foi realizada, quando se elegeu o Dr. Gustavo Fernandes como o primeiro presidente dessa nova fase da SBOC, dando início a um processo de reconstrução e profissionalização.

Essa nova fase é marcada, entre outros destaques, pelo recebimento da Associação Médica Brasileira (AMB) do direito de representar os oncologistas clínicos, além da responsabilidade de certificá-los com intitulação de especialistas, até então fornecida pela Sociedade Brasileira de Cancerologia. Também é nesse período que a *Revista Brasileira de Oncologia* foi lançada como uma importante ferramenta de divulgação do conhecimento científico oncológico.

A partir do reconhecimento do trabalho da SBOC, que ganhou inclusive um novo corpo financeiro, seu alcance de atuação foi ampliado. O número de associados começou a aumentar exponencialmente, assim como o número de participantes do Congresso SBOC. O envolvimento da associação em decisões públicas também passou a ser crescente. Ademais, esse movimento de mudança foi marcado pela consolidação de um novo modelo de governança da SBOC.

Até poucos anos atrás, o tratamento do câncer era um tema abordado, majoritariamente, por cirurgiões, sob liderança da Sociedade Brasileira de Cancerologia, que representava vários outros profissionais da área (por exemplo, radioterapeutas). Com a evolução do tema no Brasil e o desenvolvimento de novos conhecimentos, surge a necessidade de descremínar as áreas cirúrgica, clínica e de radioterapia para, assim, buscar respostas mais efetivas nessas três frentes.



Dr. Gustavo Fernandes, Dra. Maria Ignez Braghioli e Dr. Paulo Hoff em evento de inauguração da sede da SBOC em São Paulo, em 2015.

Linha do tempo: histórico dos presidentes da SBOC

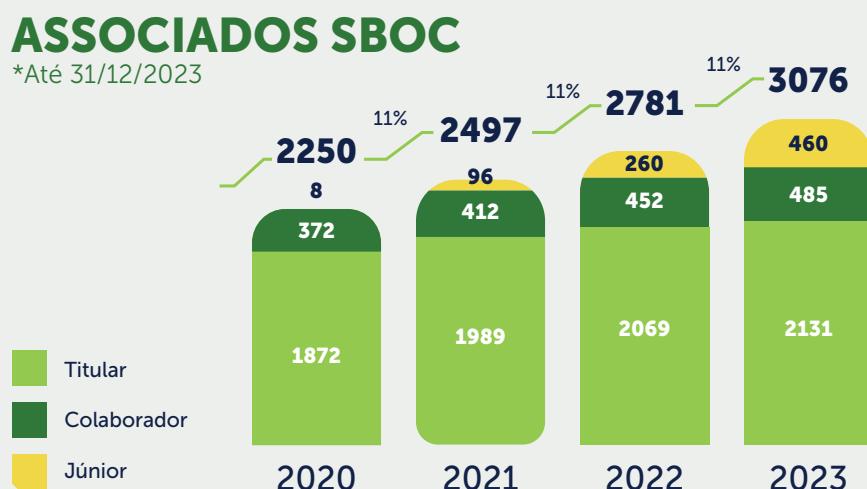


2) ATUAÇÃO JUNTO AOS PROFISSIONAIS ONCOLOGISTAS

ONCOLOGISTAS ASSOCIADOS

Atualmente, a SBOC é a maior sociedade médica de oncologia clínica da América Latina e conta com mais de 3 mil oncologistas associados, que são seu principal foco de atuação: todos os programas educacionais são voltados para formação e atualização dos especialistas. Cada vez mais, a associação trabalha para entender e aprimorar as condições de trabalho de seus membros associados, assim como para superar as principais dificuldades que encontram no cotidiano da prática clínica.

O número de associados, que cresce ano a ano, acompanha a evolução da especialidade no país, ainda considerada relativamente nova no Brasil.



CENSO SBOC

Em 2023, a SBOC realizou, em parceria com o Datafolha, o Censo SBOC da Oncologia Clínica, para conhecer, em mais detalhes, o perfil de seus associados, como formação, regiões onde moram e atuam, tipos de acesso, remuneração, ambições e principais desafios.

A pesquisa on-line foi realizada entre os dias 26 de maio e 31 de julho de 2023, a partir de questões quantitativas e qualitativas, e contou com a participação de 761 oncologistas clínicos associados de mais de 200 municípios em todo o território nacional, considerando regiões metropolitanas e cidades do interior.



Esta foi a primeira iniciativa dessa natureza realizada pela entidade e teve como objetivo entender como construir ações ainda mais estratégicas e, assim, contribuir de forma mais efetiva com o desenvolvimento profissional dos oncologistas. Muitas das principais descobertas estão profundamente conectadas com os desafios e ambições da associação na construção de seu olhar para os temas socioambientais: alguns desses achados seguem em destaque no decorrer desse relatório.

MERCADO DE TRABALHO E OS NOVOS DESAFIOS DA PROFISSÃO



A SBOC tem uma forte preocupação em dar suporte aos jovens médicos e médicas que estão iniciando suas carreiras. A realidade é que existe, atualmente, no Brasil, um grande número de faculdades formando profissionais que logo tentarão encontrar uma porta de entrada para o mercado de trabalho, muitas vezes com uma educação inadequada ou insuficiente para a prática clínica. Esse gap na capacitação e no conhecimento é um dos principais pilares de atuação da associação.

Por terem escolhido uma especialidade que exige responsabilidade, uma vez que lida com os extremos das emoções e da vida, esses jovens oncologistas necessitam, na visão da SBOC, de capacidades como: construção da maturidade, compromisso com o coletivo, ética médica, adaptabilidade às situações e resiliência. São habilidades que têm mudado de geração em geração e que a associação observa com atenção.

Os diretores da SBOC também entendem a importância de apresentar a esse grupo a realidade da profissão para além da formação técnica, discutindo temas como o funcionamento do mercado, as maiores dificuldades que poderá encontrar e a importância de se engajarem em discussões relacionadas ao acesso igualitário a tratamentos, medicamentos e tecnologias.

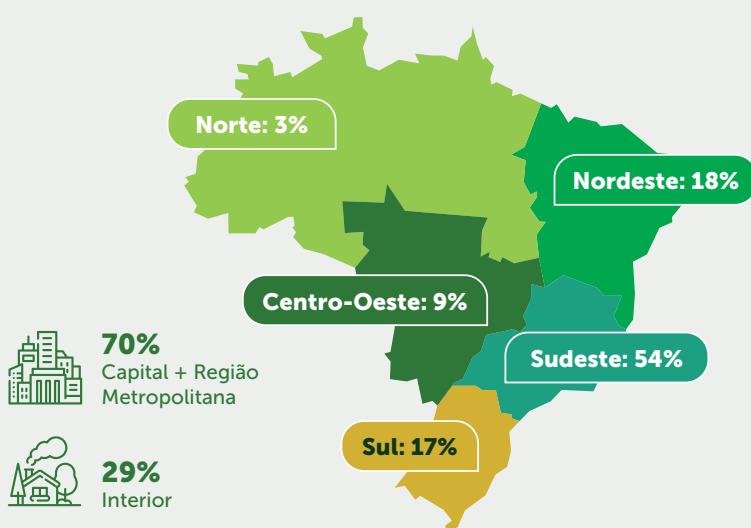
Questões como remuneração médica, a relação com planos de saúde e seguradoras e condições de trabalho para a prática clínica (sobretudo considerando o alto custo dos medicamentos) também entram na pauta da SBOC com os jovens especialistas.

INTERIORIZAÇÃO DO MÉDICO ONCOLOGISTA

O resultado do Censo provocou uma reflexão sobre como fixar o oncologista brasileiro no interior, em regiões do país com ausência de especialistas.

Hoje, a maioria desses profissionais está concentrada em grandes centros, onde há mais recursos e, consequentemente, uma saturação de médicos oncologistas, gerando, assim, desequilíbrio em relação a outros territórios. Segundo o Censo SBOC, 54% dos entrevistados associados atuam no Sudeste, sendo que a maioria dos profissionais (70%) mora em regiões metropolitanas.

Diante desse contexto, a entidade passa a refletir sobre como oferecer apoio estruturante e instrumentos para estimular os oncologistas a ocuparem vagas de trabalho em lugares mais remotos e menos assistidos para cobrir as carências do país, sobretudo onde sua subspecialidade seja escassa.





3) ESCOLA BRASILEIRA DE ONCOLOGIA (EBO)

A Escola Brasileira de Oncologia (EBO) foi lançada em 2018 com a missão de alavancar, desenvolver e fortalecer o conhecimento técnico e científico na área de oncologia clínica. Conta com uma biblioteca virtual, que dá acesso a mais de 900 conteúdos científicos entre periódicos e outros materiais, e diversos programas educacionais, bem como o SBOC Review, uma seleção de artigos recém-publicados nas melhores revistas da área.



Desde 2018, a SBOC é a sociedade responsável por conceder aos médicos o Título de Especialista em Oncologia Clínica (TEOC), fornecendo ao oncologista o direito de exercer a profissão. Para recebê-lo, o candidato deve ser aprovado em uma prova teórica e um exame teórico-prático, geralmente realizados durante os dias do Congresso SBOC.

Anos	Inscrições	Aprovações	Percentual
2018	228	92	40,78%
2019	162	13	8,02%
2020	159	21	13,20%
2021	221	89	40,27%
2022	185	82	44,32%
2023	204	69	32,82%

No Brasil, após a faculdade de medicina, existem dois caminhos para o indivíduo ser considerado um médico especialista em oncologia clínica: um deles é a residência médica pelos programas credenciados pela Comissão de Residência Médica do Ministério da Educação (MEC) e o outro é recebendo o TEOC, concedido pela SBOC.

BOARD REVIEW SBOC

Voltado aos jovens oncologistas e residentes em busca de atualização técnico-científica, o Board Review é um evento anual organizado pela SBOC com o objetivo de discutir os principais avanços no tratamento oncológico. Em agosto de 2023, foram disponibilizadas, durante agosto, aulas sobre as principais subespecialidades. E no dia 2 de setembro houve um módulo de discussões com transmissão simultânea, o “Colocando a Prática à Prova”, quando alguns dos principais especialistas do país comentaram questões de alta complexidade que já foram usadas na prova para obtenção do TEOC.

Mais de 12 mil acessos em 2023

GINCANA PARA RESIDENTES E GRADUANDOS



A área educacional da SBOC também desenvolve programas voltados exclusivamente para residentes, como a Gincana Nacional da Oncologia para Residentes, evento que acontece de maio até setembro/outubro e que, em 2023, chegou a seu oitavo ano. Nessa iniciativa, são apresentados 12 casos clínicos em várias áreas: a cada 15 dias, é lançado um deles, com questões que precisam ser resolvidas durante a semana. Para esse desafio, todos os dias, os residentes recebem uma pergunta relacionada ao tema e, no final da semana, recebem um vídeo explicando e resolvendo o caso clínico.

Nesse processo, os médicos convidados compartilham conteúdos sobre o caso, revisados pela área educacional da SBOC e publicados na plataforma. Os participantes podem ou não concordar com as respostas e apresentar recurso, uma forma de estimular a troca entre médicos experientes e iniciantes.

Também há a Gincana Nacional da Oncologia para Acadêmicos, voltada aos estudantes da graduação de medicina, que podem se aproximar da área e trocar conhecimentos com médicos especialistas. São sete casos clínicos durante dois meses (um por quinzena), com cinco perguntas (de segunda a sexta-feira) e um vídeo explicativo (no sábado), também com a possibilidade de recurso. Este é o quarto ano da iniciativa para esse público.

PROGRAMA DE PESQUISA CLÍNICA



Participantes do Programa de Pesquisa Clínica da SBOC 2023 durante visitas ao Inca, no Rio de Janeiro, e no Icesp, em São Paulo.



Desde 2018, a SBOC desenvolve um trabalho com o Instituto de Oncologia de Ijuí, cidade no interior do Rio Grande do Sul com cerca de 84 mil habitantes. O centro de pesquisa, apesar de estar instalado em uma cidade de pequeno porte, sem os mesmos recursos das capitais, se estabeleceu como um dos mais relevantes do país, despertando o interesse de muitos estudantes e profissionais da área.

A parceria entre as instituições se deu por meio do Programa de Pesquisa Clínica da SBOC, voltado aos residentes ou recém-saídos dos programas de todo o Brasil. Por meio de um processo seletivo, é escolhido um grupo de médicos para visitas imersivas no centro de pesquisa e para ter aulas teóricas sobre o tema.

A partir de 2022, essa iniciativa foi estendida para o Instituto Nacional de Câncer (Inca) e o Instituto do Câncer do Estado de São Paulo (Icesp). O edital é lançado em agosto, sendo que as visitas acontecem no mês de outubro.

A SBOC entende que esse tipo de iniciativa faz parte da sua missão. Usar a capacidade intelectual de seus associados e parceiros para gerar conhecimento e, assim, contribuir para a diminuição da disparidade no cuidado, sobretudo entre sistema de saúde público versus privado, promovendo acesso e melhores desfechos de tratamento, principalmente para a população mais vulnerável.

DIRETRIZES, CONDUTAS E PROTOCOLOS

A Escola Brasileira de Oncologia também é responsável pela atualização anual das diretrizes e recomendações para cada área da oncologia, elaboradas pelos associados e/ou integrantes dos Comitês SBOC, membros ou não da diretoria.

Esta é uma ação que existe para uniformizar as condutas médicas no tratamento oncológico, sobretudo considerando as diferenças e os desafios encontrados em diversas localidades do país. Nesse sentido, a atualização das diretrizes busca articular tratamento, protocolos e acesso ao conhecimento de maneira unificada em território nacional, com maior capilaridade, buscando padronizar atendimentos e prescrições, tanto no setor público quanto no privado.

Para isso, as novas diretrizes são publicadas no site da SBOC, que deixa um canal aberto temporariamente para o envio de sugestões de inclusões ou alterações por oncologistas interessados nos temas. Uma vez finalizado o prazo de consulta, os diversos comitês de especialidade discutem quais pontos de atualizações devem ser considerados, com base em diretrizes internacionais e nos próprios artigos científicos publicados.



4) CONGRESSO E PRÊMIOS SBOC

CONGRESSO SBOC



Em 2023, o evento que deu origem à SBOC chegou a sua 24^a edição. Realizado no Rio de Janeiro, o Congresso Brasileiro de Oncologia Clínica abordou o tema “Acesso e Equidade” para colocar luz sobre a realidade da desigualdade de acesso a tratamentos e diferentes desfechos de acordo com fatores socioeconômicos, como renda, escolaridade, gênero, etnia e localização geográfica dos pacientes. Debates sobre imunoterapias, impacto na mortalidade do câncer de pulmão, prevenção e diagnóstico precoce, câncer ginecológico e de mama também foram amplamente abordados.

Este é um dos maiores encontros sobre câncer da América Latina e, nesta edição, o número de inscritos cresceu 41% em comparação à edição de 2022, atingindo cerca de 3.700 profissionais. Além disso, o evento mais uma vez contou com a presença de renomados oncologistas clínicos do país e convidados internacionais, com destaque para a Dra. Elisabete Weiderpass Vainio, a primeira brasileira a ocupar o cargo de diretora-geral da International Agency for Research on Cancer (IARC), uma instituição vinculada à Organização Mundial da Saúde (OMS).

Dados gerais do Congresso SBOC:

2022	2023
Número de inscritos: 2.620	Número de inscritos: 3.695
Convidados nacionais: 269	Convidados nacionais: 345
Convidados internacionais: 18	Convidados internacionais: 31

PRÊMIOS SBOC

Para valorizar a ciência e aqueles que se dedicam para o enfrentamento do câncer no Brasil, a SBOC realiza, tradicionalmente em seu Congresso, a premiação de profissionais que têm tido destaque em suas áreas de atuação. Nos últimos dois anos, os vencedores foram:

Categoria	Vencedores 2022	Vencedores 2023
Prêmio Ronaldo Ribeiro de Carreira em Oncologia Clínica	Dr. Auro del Giglio	Dr. Nelson Teich
Prêmio SBOC de Pesquisa Oncológica Translacional	Prof. Dr. Roger Chammas	Dr. Rodrigo Dienstmann
Prêmio Jovem Oncologista SBOC	Dr. Pedro Henrique Isaacson Velho	Dr. Rodrigo Munhoz
Prêmio SBOC de Protagonismo Feminino na Oncologia	Dra. Aline Lauda Freitas Chaves	Dra. Patricia Ashton-Prolla
Prêmio SBOC de Ciências	Dra. Olga Laura Sena Almeida	Dr. Marcos Tadeu dos Santos



Como forma de estimular a pesquisa científica, o vencedor do Prêmio SBOC de Ciências, dado ao autor do melhor resumo enviado ao Congresso SBOC, recebe, além do pacote completo para participar do Congresso, dado a todos os vencedores, uma recompensa financeira e um convite para escrever um artigo para o *Brazilian Journal of Oncology*.

5) ATUAÇÃO CIENTÍFICA

A SBOC sempre foi percebida como uma sociedade médica que reúne especialistas com alta capacidade técnica e reconhecimento internacional. Esse ganho de reputação permite atuar em várias frentes junto à comunidade científica, à sociedade e ao poder público, aumentando, assim, seu poder de influência em importantes processos decisórios.

BRAZILIAN JOURNAL OF ONCOLOGY (BJO)



Brazilian Journal of Oncology

Desde 2017, a SBOC mantém o *Brazilian Journal of Oncology*, periódico trimestral sobre oncologia e áreas correlatas. Essa iniciativa acontece em parceria com a Sociedade Brasileira de Cirurgia Oncológica (SBCO), a Sociedade Brasileira de Radioterapia (SBRT) e a Sociedade Brasileira de Oncologia Pediátrica (Sobope) — esta última desde maio de 2023. A revista *BJO* está disponível numa plataforma on-line com acesso aberto, permitindo ao público interessado ler, baixar e pesquisar artigos para fins acadêmicos.

Entre seus objetivos, a publicação visa divulgar o conhecimento no país, valorizar os resultados da pesquisa nacional, incentivar a participação dos profissionais em estudos, formar massa crítica em torno dos desafios e das possibilidades da oncologia no Brasil e no mundo, e promover discussões baseadas em evidências científicas sobre o acesso e a qualidade do atendimento aos pacientes, assim como políticas públicas de prevenção e tratamento do câncer em nosso país.

Com a revista *BJO*, a responsabilidade da equipe editorial engloba trabalhar para que a publicação seja um fórum para o intercâmbio de informações entre profissionais envolvidos na pesquisa do câncer e na assistência ao paciente oncológico, numa abordagem multidisciplinar, além de ajudar na construção da carreira acadêmica dos pesquisadores, favorecendo o financiamento para pesquisas.

FUNDO DE INCENTIVO À PESQUISA (FIP SBOC)



Em 2023, foi realizada a primeira edição do Fundo de Incentivo à Pesquisa, iniciativa da SBOC para fomento da pesquisa em oncologia no Brasil. Ao todo, 59 projetos de 31 centros de pesquisa foram submetidos ao FIP. O resultado foi divulgado em novembro durante o Congresso SBOC, no Rio de Janeiro, tendo os seguintes prêmios:

R\$ 150 mil para um projeto de aceleração do tratamento de câncer de mama.

R\$ 100 mil para um projeto de construção de um ambiente virtual de aprendizagem para

capacitação à distância de enfermeiras oncologistas sobre competências culturais para os cuidados às pessoas LGBTQIA+ com câncer.

R\$ 50 mil para um estudo sobre o efeito das características sociais relacionadas ao câncer de mama hereditário.



Como uma associação médica, a SBOC entende que todos os frutos de seu crescimento devem ser, de alguma forma, devolvidos à sociedade. Ainda que os altos custos da pesquisa científica no Brasil não permitam um investimento massivo nesse campo do início ao fim, a entidade passou a entender que é possível desenvolver um fundo de estímulo à pesquisa, com orçamentos que viabilizem o início da investigação em oncologia.

As propostas devem envolver especialistas com experiência comprovada na área, serem conduzidas em instituições nacionais com estrutura adequada para o projeto e terem como objetivo a promoção da oncologia com foco na diminuição das disparidades e na busca da equidade de acesso ao tratamento oncológico.

INCORPORAÇÃO DE NOVOS MEDICAMENTOS

Um dos papéis da SBOC é atuar tecnicamente no auxílio da discussão e na elaboração de estudos técnicos que contribuam para o debate sobre qual medicação deve ser incorporada, para qual tratamento oncológico e em que contexto.

A inclusão de novos medicamentos para o tratamento oncológico passa por várias etapas antes de chegar ao paciente. A indústria farmacêutica apresenta a tecnologia, expli-



cando como funciona, quais são seus custos e riscos envolvidos. Todo esse processo acontece junto à Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), à Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no Sistema Único de Saúde (Conitec) e às várias instituições responsáveis por regulamentar a entrada de medicamentos no Brasil, tanto para o SUS quanto para a saúde suplementar.

Nesses fóruns de discussão, a SBOC tem forte presença e, de forma recorrente, posiciona-se a favor ou contra a incorporação de determinada tecnologia. Se o debate é sobre um tratamento para câncer de mama, por exemplo, um especialista da SBOC dessa área é acionado para dar seu parecer técnico. Os membros da associação levam conhecimento técnico para esses fóruns, avaliam a eficácia da substância e o quanto ela pode beneficiar os pacientes em seus tratamentos.

"Importantíssimo lembrar que cerca de 70% a 80% dos brasileiros são tratados no SUS. Temos que lembrar que a SBOC representa também os médicos que estão cuidando dos pacientes no SUS."

Prof. Dr. Paulo M. Hoff
Presidente de Honra da SBOC

A participação em avaliações de novas tecnologias tem revelado, cada vez mais, aos membros da SBOC as deficiências no acesso a esses medicamentos pela população. De um lado, os novos fármacos são incorporados numa velocidade cada vez maior, com alta eficácia nos resultados; de outro, não chegam às pessoas que mais precisam devido ao alto custo. Diante desse complexo cenário, a SBOC tem-se posicionado pela defesa de tecnologias que apresentem evidência científica forte combinada à perspectiva de cobertura pelo SUS e pelos convênios. A associação entende que sua participação nas discussões sobre incorporação de tecnologias permite oferecer instrumentos de trabalho adequados para o médico oncologista, assim como fornecer mais qualidade na assistência ao paciente.

Nossos avanços

Mesmo diante dos desafios estruturais de acesso da população a tratamentos de qualidade, o Brasil conta hoje com excelentes especialistas da oncologia clínica, referências mundiais em suas áreas, e grandes centros de pesquisa clínica (públicos e privados).

6) MODELO DE GOVERNANÇA



O movimento de profissionalização da Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica (SBOC) veio acompanhado de uma urgente necessidade de revisão no seu modelo de governança, reformulação que aconteceu na gestão do Prof. Dr. Paulo M. Hoff (2021-2022), quando as eleições passaram a ser anuais. Até então, eram realizadas a cada dois anos, quando toda a diretoria era trocada e um presidente tomava posse com plenos poderes de decisão.

Inspirado nas referências de atuação da American Society of Clinical Oncology (ASCO) e da European Society for Medical Oncology (ESMO), o atual modelo de governança foi construído para garantir a pluralidade de pensamentos e a continuidade dos projetos previstos na estratégia, sem interrupções. Atualmente, ele não só protege a organização de quaisquer interesses que não estejam associados ao propósito da entidade como é um dos importantes eixos de conexão com a temática ESG.

O Censo realizado em 2023 revelou que, além da SBOC, 47% dos oncologistas associados são membros também da ASCO e da ESMO.

Nesse modelo de governança, são nomeados anualmente um presidente, três diretores e um conselheiro fiscal (que formam uma chapa), com três posições de presidente: o atual (em exercício), o eleito (que fará a próxima gestão) e o de honra (responsável pela última gestão, mas que fica mais um ano integrando a diretoria). Essa estrutura que une os presidentes de cada período é uma salvaguarda para a continuidade das ações, garantindo que as ações tenham consistência ao longo do tempo e gerem impacto efetivo. O presidente eleito, que ainda tomará posse, já começa a acompanhar fóruns e reuniões, ainda sem poder de voto, mas com efetiva e intensa participação. Esse envolvimento prévio permite que ele esteja integrado às ações estratégicas quando chegar sua vez de assumir o mandato.

“É uma governança moderna. Foi espelhada nas Sociedades Europeia e Americana. A ideia é não ter descontinuidade nos projetos, e é o plano estratégico que ajuda a dar o direcionamento. Além disso, os representantes regionais trazem uma capilaridade para a sociedade e maior aproximação com os associados.”

Dra. Marisa Madi
Diretora Executiva da SBOC

Como a diretoria conta com três presidentes, nove diretores e três conselheiros fiscais, a cada ano, um terço desse grupo é renovado: trocam-se três diretores, um presidente e um conselheiro fiscal.

Cria-se, ainda, a figura de um diretor executivo, que também tem a responsabilidade de garantir a continuidade dos projetos, independentemente de quem esteja na presidência.

Até então, esse profissional recebia a denominação “gerente executivo” e, com a reformulação, ganha um novo status, de CEO, com a função de operacionalizar e acompanhar as ações previstas pela diretoria, com o apoio do grupo de funcionários da SBOC, garantindo a condução da organização no dia a dia.

Organograma Institucional (2023)



Este é um modelo que garante estabilidade institucional da associação, com espaço para que cada presidente em atividade traga sua contribuição e marca pessoal, sem deixar de lado a coerência e a consistência nos passos da SBOC.

REPRESENTANTES REGIONAIS

Até 2022, a SBOC mantinha quatro representantes regionais (Nordeste, Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro), cada um atuando de forma independente. Após aprovação em Assembleia Geral dos associados, iniciou-se um novo modelo que prevê a eleição de 14 representantes

regionais escolhidos pelos seus pares das regiões, que ocorre por meio de processo eleitoral simplificado, sob coordenação da diretoria. Quando são escolhidos, passam a participar de reuniões estratégicas, representar a associação em eventos e audiências regionais, assim como atuar como porta-voz da SBOC.

**REPRESENTANTES
REGIONAIS**

Esse formato permite capilaridade para a atuação da associação e mais conexão com as diversas realidades do país, dando mais voz aos oncologistas que estão na ponta. Suas contribuições funcionam como apoio aos processos decisórios do presidente e da diretoria.

COMITÊS TEMÁTICOS E DE ESPECIALIDADE

Nos últimos anos, com o crescimento das subespecialidades oncológicas, a SBOC sentiu a necessidade de reunir alguns dos principais especialistas de cada área em comitês para ampliar a disseminação de conhecimento qualificado e participar do aprimoramento acadêmico e profissional dos oncologistas clínicos.

Em 2023, foram criados três novos comitês (Diversidade, Jovens Oncologistas e SUS e Práticas Independentes), totalizando atualmente 22 grupos, que contam com a participação de 107 associados de dez estados brasileiros, um esforço que busca promover maior pluralidade e diversidade para a área. Todos os membros são voluntários e atuam como apoio na elaboração de normas e estratégias da SBOC.

Comitês SBOC em 2023:

- Comitê de Ética
- Comitê de Defesa Profissional
- Comitê de Políticas Públicas
- Comitê de SUS e Práticas Independentes
- Comitê de Tumores Torácicos
- Comitê de Tumores Gastrointestinais Altos
- Comitê de Tumores Gastrointestinais Baixos
- Comitê de Tumores Mamários
- Comitê de Tumores Genitourinários
- Comitê de Tumores Ginecológicos
- Comitê de Tumores de Pele

- Comitê de Sarcomas
- Comitê de Tumores de Cabeça e PESCOÇO
- Comitê de Tumores do Sistema Nervoso Central
- Comitê de Oncogenética e Oncogenômica
- Comitê de Pesquisa Clínica
- Comitê de Cuidados Paliativos e Suporte
- Comitê de Ensino
- Comitê de Relações Internacionais
- Comitê de Lideranças Femininas
- Comitê de Jovens Oncologistas
- Comitê de Diversidade

DIVERSIDADE

A conexão com os temas ligados à diversidade já se aponta como um caminho natural da SBOC e está refletida na criação de grupos temáticos de discussão no apoio às minorias e às populações mais vulneráveis.

Nesse contexto, o Comitê de Lideranças Femininas visa debater a presença das mulheres na prática da oncologia clínica e as barreiras enfrentadas por elas, sobretudo na ocupação de posições de gestão e comando. Já o Comitê de Diversidade, criado em 2022, tem como objetivo auxiliar a SBOC no tratamento amplo do tema, incluindo questões relativas a demandas regionais, atendimento via SUS e saúde suplementar, diversidade de conhecimentos em oncologia, assim como nos desafios relacionados à diversidade étnica, racial, de gênero e de orientação sexual dos pacientes e oncologistas.

Assim, começam a ser discutidas questões relativas a grupos étnicos e população LGBTQIA+ no que tange a demandas como desigualdade, desafio de acesso à saúde, baixa participação em pesquisas e necessidade de conhecimentos profissionais e cuidados específicos para cada grupo (por exemplo, no atendimento de pessoas transgênero que fazem uso de hormônio).



A SBOC tem consciência de que, mesmo sendo um tema prioritário, esta é uma pauta que demanda muitos avanços. Por exemplo, temos no Brasil um número inexpressivo de oncologistas negros, de outras etnias ou de origem pobre, e o mesmo se reflete entre os associados da SBOC.

Segundo o Censo SBOC, a oncologia clínica tem alcançado a paridade de gênero, com uma representação feminina de 50% entre os associados da entidade. Porém, essa proporção não se aplica entre quem tem titulação em oncologia clínica (60% do total de entrevistados): do total de homens associados, 71% têm titulação, enquanto do total de mulheres associadas, apenas 49% a possuem.

Ademais, também segundo o levantamento, ainda existe um abismo de desigualdade racial, com 81% de brancos, 16% de pardos, 2% de amarelos e 1% de pretos entre os respondentes. Como um perfil-padrão da especialidade, a pesquisa apresenta como características predominantes o homem branco heterossexual (94%), casado (77%) e com filhos (67%), revelando, assim, a necessidade de construir frentes de diversidade e representatividade na área.

"Se a classe médica não é socialmente inclusiva, precisamos fomentar a inclusão de grupos étnicos e sociais na nossa base, incluindo de baixa renda e população negra no Brasil, que tem um número muito pequeno de médicos oncologistas e onde encontramos maior disparidade."

Dr. Gustavo Fernandes
Ex-Presidente da SBOC

Nesse sentido, como uma sociedade médica, é possível que a SBOC possa, futuramente, trabalhar no desenvolvimento de programas que promovam o acesso à educação e fomentem a formação de profissionais negros e pardos, auxiliando na construção de uma população de médicos oncologistas muito mais inclusiva. Uma alavanca social que está conectada com sua missão, que é formar, desenvolver e intitular médicos.

A conexão com o eixo de diversidade e inclusão também segue sendo construída junto à equipe interna e *stakeholders*. Nesse sentido, 25% das contratações da equipe que atuou no Congresso SBOC 2023 foram para vagas afirmativas.

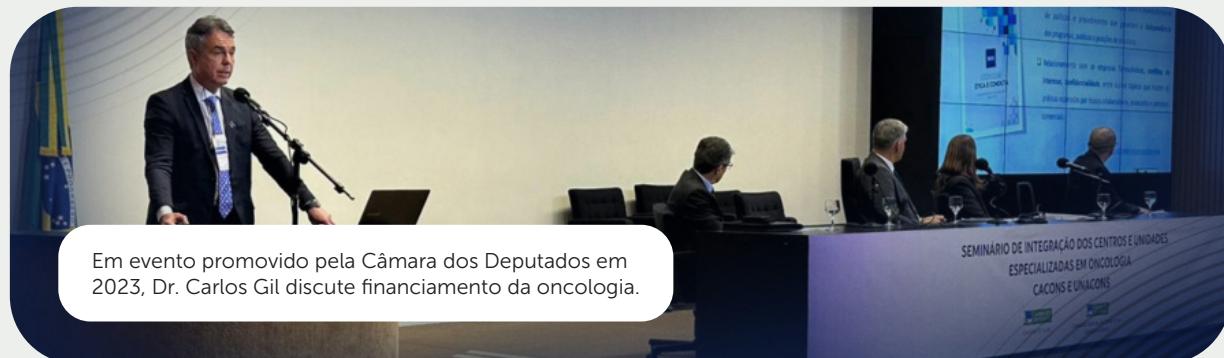
Diversidade presente na comunicação da SBOC

Temas como diversidade, equidade e inclusão têm sido, cada vez mais, trabalhados na comunicação da SBOC. O Instagram, por exemplo, lembra de datas importantes como o Dia da Visibilidade Trans e o Dia dos Povos Indígenas, elucidando a cerca de desigualdades no acesso a tratamentos e especificidades de incidência de tipos de tumores entre esses grupos sociais.



7) ARTICULAÇÃO POLÍTICA

O amadurecimento institucional da SBOC nos últimos anos, acompanhado de uma mudança de atitude e de profissionalização dentro do ecossistema da oncologia clínica, permitiu que a associação tivesse as condições necessárias para a construção de sua reputação e representatividade política.



Nesse sentido, a SBOC ocupa um terreno mais propício para atuar e defender a igualdade e a diminuição de disparidade do acesso a medicamentos pela população (sobretudo pelo SUS), de forma a ganhar uma melhor interlocução com o governo, passando a ser uma entidade convidada para todos os fóruns sobre oncologia clínica e projetos de lei para melhoria das ações de combate ao câncer no Brasil.

Atualmente, as discussões buscam refletir sobre como garantir sustentabilidade da governança, podendo dar suporte às crescentes demandas do papel político da SBOC. Desenhase como prioridade a revisão no papel dos diretores e de novos ajustes no corpo diretivo

e na estrutura de governança para que se responda adequadamente aos movimentos pelo acesso a medicamentos.

Essa crescente importância política tem gerado a necessidade de um novo olhar para sua atuação e uma comunicação mais ampla dessas iniciativas a seus associados, assim como uma mensuração de suas ações — temas que passam a entrar na pauta das preocupações internas e dos próximos passos da SBOC.

LUTA PELO ACESSO A MEDICAMENTOS PELA POPULAÇÃO

Durante muito tempo, acreditou-se que o câncer era uma doença democrática, que atingia toda a população de modo igualitário, independentemente da classe social. Porém, cada vez mais, dados têm mostrado que isso não é inteiramente verdade. A incidência de casos, o acesso a tratamentos e a sobrevida seguem sendo completamente desiguais e podem ser analisados a partir de muitas realidades do país.

Numa análise mais ampla dos diferentes contextos, é possível identificar determinadas regiões do país que carecem de tratamentos específicos, assim como mapear os tipos de câncer que incidem mais nas populações pobre, negra e/ou em situação de rua, mais expostas a fatores de risco e que têm menos acesso a serviços de saúde.

Nesse sentido, é consenso afirmar que o acesso aos medicamentos e tratamentos pela população deve ser uma das prioridades das instituições que atuam no âmbito da oncologia clínica, sendo esta uma questão urgente que revela o abismo da desigualdade social quando se trata dos cuidados com o paciente oncológico.

Enquanto, de um lado, há a saúde suplementar privada, em que os pacientes contam com tratamento oncológico de alto nível e amplo acesso às tecnologias; de outro, há o Brasil do SUS, com grandes filas para diagnóstico, tratamento e cirurgia, e baixíssimo acesso a medicamentos de alto custo.

Segundo o Censo SBOC, 36% dos profissionais associados que atuam na rede pública relataram ter acesso parcial a novas tecnologias, enquanto na rede privada esse número sobe para 58%. Quando questionados sobre os principais desafios enfrentados na jornada do câncer, 54% citam as dificuldades de acesso a novos tratamentos; 46%, os altos custos de tratamentos e/ou medicamentos; 36% falam sobre o subfinanciamento ou gestão ineficiente dos sistemas de saúde com foco no tratamento oncológico; e 31% lembram da realidade dos diagnósticos tardios.

Nesse contexto, tornou-se prioritária a discussão sobre o arcabouço político e jurídico necessário para atuar na definição dos valores dos medicamentos, buscando caminhos para

apontar aos diversos setores da sociedade (sobretudo na esfera pública) onde estão as principais falhas que impedem o acesso da população aos tratamentos oncológicos. Um movimento que demanda uma ação conjunta e articulada de todos os profissionais da oncologia, associações médicas, poder público e indústria.

II

"A oncologia brasileira é reconhecida internacionalmente como uma das melhores do mundo, mas esta é uma realidade que não está refletida no acesso do medicamento pela população. Nem diminui a enorme diferença de custo de tratamento de um paciente do SUS para saúde suplementar."

Dr. Carlos Gil
Presidente da SBOC (2023)

Papel de articulador

Diante desse contexto desafiador, seguindo seu propósito de defender os interesses dos médicos oncologistas e seus pacientes, a SBOC tem assumido, cada vez mais, um papel de articulador, engajando-se em discussões em torno de políticas públicas que enfrentem as desigualdades de acesso.

Em 2023, os associados da SBOC dedicaram 230 horas em audiências públicas voltadas à ampliação do acesso à saúde

Ao exercer essa função, a associação tem aumentado sua interação com as outras sociedades médicas que, de alguma forma, atuam também na área de oncologia (radioterapia, patologia, pneumologia, entre outras). Temas como prevenção, diagnóstico precoce, desempenho dos programas de rastreamento (como mamografias e papanicolau) e conhecimento em torno dos cuidados paliativos também passam a integrar a pauta e os desafios da atuação da SBOC.

Em 2022, a SBOC criou o Comitê de SUS e Práticas Independentes para entender a atuação do oncologista do SUS e as diferenças para os médicos que trabalham de forma independente, fora dos grandes centros de saúde, com o objetivo de compreender desafios e prioridades desses grupos.

Prioridade da nova gestão

A questão do acesso vem ganhando prioridade na agenda da SBOC nos últimos anos, sendo uma das marcas da gestão do Dr. Carlos Gil, presidente em exercício em 2023, reforçada pelo tema do Congresso SBOC 2023: "Acesso e Equidade". Entende-se que já existe um

esforço de ações coordenadas, com presença do tema no planejamento estratégico da entidade, com alianças com sociedades médicas e terceiro setor. Todo o mapeamento das deficiências no acesso a medicamentos pelo SUS parte, inclusive, de uma recente contribuição dos representantes regionais da SBOC e seu conhecimento das diversas realidades do tratamento no Brasil.

Conquistas coletivas com participação da SBOC



Importantes conquistas coletivas relacionadas ao combate ao câncer, nos últimos anos, contaram com a participação política da SBOC. Por exemplo, a Política Nacional de Prevenção e Controle do Câncer, aprovada pelo Congresso em agosto de 2023 e institucionalizada como lei para se tornar uma política de Estado, é um importante passo para viabilizar o acesso das tecnologias incorporadas aos pacientes que precisam de tratamento. Para esse projeto de lei, a SBOC elaborou um documento sobre o modelo de compra de medicamentos, que visa identificar e superar os obstáculos que dificultam o diagnóstico e o tratamento da doença.

Essa forte atuação também ocorreu na criação do Programa Nacional de Apoio à Atenção Oncológica, o Pronon, que visa estimular projetos de atenção oncológica, via incentivo fiscal de empresas parceiras sensíveis à causa.

São discussões que acontecem no âmbito público com a participação de vários atores que fazem parte da oncologia clínica, entre especialistas, sociedades médicas, indústria farmacêutica e o próprio governo, buscando endereçar concretamente essas e outras políticas públicas relacionadas ao combate ao câncer no país.

"Atualmente, no preço de um medicamento oncológico, incidem cerca de 30% de impostos (federal ou estadual), obstáculo enfrentado não só pelas fontes pagadoras (como hospitais) como a própria indústria farmacêutica, que tem o custo do seu produto inviabilizado. Ele só é desonerado quando a empresa fabricante entra com recurso para derrubar essa taxa, depois que o governo aprova essa solicitação. Parte da Política Nacional de Prevenção e Controle do Câncer prevê a desoneração dos medicamentos oncológicos, o que é fundamental para garantir o acesso igualitário aos tratamentos."

Dr. Carlos Gil
Presidente da SBOC (2023)

O TRABALHO DE ADVOCACY DA SBOC

Com o crescimento da SBOC no ecossistema da oncologia clínica no Brasil, do ponto de vista científico e político, houve um aumento significativo no volume de demandas de participação em fóruns relacionados ao tema, sobretudo conectados a políticas públicas sobre avaliação e incorporação de tecnologias e cobertura pelo SUS e pela saúde complementar.

Para qualificar sua atuação diante dessas novas responsabilidades, a associação tem investido esforços na estruturação e no estabelecimento de processos em sua área de advocacy.

Essa equipe tem como missão diagnosticar os problemas enfrentados pelos grupos mais negligenciados, como pacientes que não estão recebendo tratamentos incorporados ou médicos que também se encontram num contexto mais fragilizado em sua atuação. A partir desse retrato e do reconhecimento de “pontos cegos”, a equipe idealiza soluções visando construir iniciativas de sensibilização dos tomadores de decisão e, assim, sugerir a criação ou o aprimoramento de políticas públicas.

Com sua equipe de advocacy, a SBOC cria propostas de solução para o acesso do tratamento oncológico pela população, que são apresentadas aos poderes legislativo, executivo e judiciário, em forma de lei, decreto, portaria ou resolução. Dessa forma, a associação reúne seus melhores esforços para que esses projetos sejam aprovados, transformando-se em políticas públicas. Em outros contextos, a SBOC também dá suporte técnico na construção de iniciativas da mesma natureza, encabeçadas por outras entidades e órgãos.

8) ÉTICA E INTEGRIDADE

A SBOC baseia sua atuação em valores e padrões éticos e de integridade, primando pela transparência e pelo respeito mútuo em todas as suas relações.

CÓDIGO DE ÉTICA E CONDUTA



A SBOC possui algumas ferramentas que permitem mitigar eventuais conflitos de interesse e influências indevidas, como o Código de Ética e Conduta, compartilhado com todos os colaboradores e integrantes dos comitês, com diretrizes para a construção da reputação e da independência da sociedade.

Durante o período de construção deste relatório, o Código de Ética e Conduta da SBOC estava sendo revisado. O objetivo é deixar mais claros os papéis e responsabilidades, aumentar a transparência com todos os stakeholders e com a sociedade e enfrentar os desafios atuais e futuros da associação.

CONFLITOS DE INTERESSE

A preocupação com eventuais conflitos de interesse está presente na relação da SBOC com a indústria farmacêutica e demais apoiadores. Nesse sentido, nenhum parceiro ou patrocinador pode interferir no conteúdo desenvolvido e apresentado pela sociedade médica durante o evento, garantindo isenção de sua opinião científica.

Essa relação comercial também não influencia posicionamentos políticos nem pareceres da SBOC na defesa da incorporação de medicamentos na gama de tratamentos oncológicos no Brasil, nem nos diálogos com a indústria farmacêutica sobre a precificação. Mesmo os materiais educacionais criados pela associação podem receber algum apoio financeiro para sua produção, mas sem qualquer interferência do financiador no conteúdo elaborado.

9) SERVIÇOS À SOCIEDADE: INFORMAÇÃO, CONSCIENTIZAÇÃO E APROXIMAÇÃO

Levar à população informação de qualidade sobre o câncer e promover uma aproximação ainda maior com os pacientes oncológicos é outra importante frente de trabalho da SBOC no combate e na prevenção de tumores e na necessidade de subsidiar a sociedade com conhecimento científico oncológico.

Campanhas de comunicação em metrôs e trens de São Paulo



Um exemplo disso é a parceria que a SBOC mantém com a ViaQuatro, que gerencia a linha 4 amarela do metrô de São Paulo, onde realiza campanhas de prevenção para a população. Ao longo do ano, são divulgados materiais informativos sobre os diversos tipos de câncer, meios

de prevenção, sinais e sintomas, que ficam disponíveis nos nichos de leitura, além de uma exposição itinerante com infográficos com informações técnicas também sobre prevenção.

Produção de guias para a população e médicos



Guia lançado pela SBOC, em parceria com a SBAFS e o Inca, em 2022.

A associação também conta com uma produção de conteúdos e guias que buscam compartilhar orientações sobre como tratar e/ou lidar melhor com o câncer, entre eles “Espiritualidade em Oncologia”, “Atividade Física e Câncer: recomendações para prevenção e controle” e “Vacinação no Paciente Oncológico”. Estes e outros materiais estão disponíveis no site da SBOC para download gratuito no seguinte endereço: <https://sboc.org.br/servicos/consensos-e-guias>.

Combate a *fake news*

A SBOC também mantém uma estreita relação com a imprensa em pautas relacionadas à oncologia clínica. Nesse contexto, tem usado sua reputação para atuar no combate a notícias falsas sobre tratamentos, “curas milagrosas” e charlatanismo que, de tempos em tempos, ganham espaço na mídia. Nesses casos, há sempre um especialista que atua como porta-voz, disseminando o conhecimento científico dentro daquele contexto.

Aproximação com instituições

A SBOC tem buscado, cada vez mais, se aproximar do Ministério da Saúde, de organizações do terceiro setor e associações de advocacy para subsidiar discussões sobre políticas públicas voltadas a grupos socialmente excluídos, que têm menos acesso a diagnóstico e tratamento, como pessoas com deficiência física, população indígena, afrodescendentes e quilombolas.

Há, ainda, um interesse de maior interação com outras áreas do cuidado oncológico, como a enfermagem, a psicologia, entre outras equipes multidisciplinares que atuam no dia a dia do paciente oncológico. Ou seja, busca-se expandir o conteúdo educacional da SBOC para além do universo dos médicos especialistas, democratizando o conhecimento dentro desse ecossistema.

Apoio a projetos sociais

Durante o Congresso de 2023, a SBOC apadrinhou duas organizações não governamentais (ONGs) cariocas que atuam no cuidado oncológico: a Casa de Apoio à Criança com Câncer Santa Teresa, que apoia as crianças portadoras de neoplasia e seus familiares, e a Favela

Compassiva, que atua na Rocinha e no Vidigal, oferecendo cuidados paliativos aos moradores.

Durante os dias de evento, representantes das ONGs estiveram presentes no estande da SBOC para apresentar a sua atuação para os mil congressistas, além de receberem contribuições financeiras, essenciais para a continuidade de suas operações, que dependem de doações.



10) EIXO AMBIENTAL

Conforme apresentado no início deste relatório (no capítulo “SBOC e a agenda ESG”), os eixos ESG entraram na agenda da SBOC de forma mais concreta na última gestão, momento em que a associação percebeu a conexão entre pautas urgentes no Brasil e no mundo com a sua atuação como sociedade médica. Na busca por essa compreensão ampliada, a equipe tem buscado construir um olhar mais consciente e sensível também sobre questões ambientais.

A construção desse pensamento conecta-se com a relação de causa e efeito dos fatores ambientais e a incidência do câncer. Sabe-se, por exemplo, que a falta de qualidade do ar (poluição), da água, da terra (como as queimadas ou o uso de agrotóxico), a má alimentação, a radiação solar, o contato com produtos químicos e condições sanitárias inadequadas possuem relação direta com a saúde e, consequentemente, com a incidência de doenças, como o câncer.

A partir desse entendimento, a SBOC busca compreender os principais impactos (reais e potenciais) de suas atividades e o que fazer para mitigá-los. A primeira questão é respondida pelos cuidados mais comuns de ecoeficiência no cotidiano, como descarte adequado de resíduos, uso consciente de recursos como água e energia e menor utilização do papel na prática administrativa; entretanto esses temas apresentam baixo impacto dentro da estrutura da SBOC. Por outro lado, a possibilidade de mensuração e compensação das emissões de carbono decorrentes da realização de eventos já é uma realidade, tendo a SBOC realizado, em 2023, o primeiro congresso de oncologia clínica “Carbon Free”.

Congresso Carbon Free



No congresso anual de 2023, a SBOC realizou, pela primeira vez, em parceria com o Carbon Free Brasil, um projeto de neutralização dos gases de efeito estufa emitidos durante a realização do evento.

Segundo esse levantamento, as emissões diretas (escopo 1) de gases de efeito estufa (GEE) totalizaram 9,981 toneladas de CO₂ equivalente (eq), enquanto as emissões indiretas (escopo 3) totalizaram 91,539 toneladas de CO₂ eq. As emissões de escopo 2 referem-se à compra de energia elétrica e não foram contabilizadas, uma vez que o evento foi abastecido por geradores, conforme tabela abaixo.

Emissão de GEE e sua equivalência em toneladas do evento por fonte e escopo²

²Para melhor compreensão, as emissões de GEE são calculadas e classificadas em escopo 1 (emissões diretas), escopo 2 (emissões indiretas por energia adquirida) e escopo 3 (outras emissões indiretas), segundo diretrizes do Programa Brasileiro GHG Protocol.

Fonte	Escopo 1	Escopo 2	Escopo 3
Combustão estacionária	9,981	-	-
Energia	-	-	-
Transporte e distribuição (upstream)	-	-	0,237
Resíduos e efluentes	-	-	1,477
Viagens aéreas	-	-	79,803
Hospedagem	-	-	4,590
Deslocamento de staff	-	-	2,672
Veículos fretados	-	-	2,760
Total (toneladas de CO ₂ eq)	9,981 (9,75%)	-	91,539 (90,25%)

A realização do inventário de carbono é uma etapa essencial para permitir a neutralização das emissões por meio de créditos de substituição de combustíveis poluentes, compensando a mesma quantidade de carbono emitida durante o evento. Serão neutralizadas, assim,

101,430 toneladas de CO₂ eq, que correspondem ao total inventariado na realização do evento e que resultarão no aposentamento de 102 créditos de carbono.



Para fins de compensação, foram comprados créditos de carbono do Projeto de Substituição de Combustíveis Poluentes das pequenas cerâmicas Argibem, São Sebastião e Vulcão, em Barra do Piraí, no Rio de Janeiro. Elas utilizavam óleo pesado como combustível para queima das peças, mas desde 2006, com apoio de créditos de carbono, passaram a usar biomassa renovável, que é uma fonte limpa de energia.

Além da compensação, essa parceria contribuiu para a restauração de áreas degradadas por meio do plantio de árvores nativas: a cada tonelada de carbono neutralizada serão revertidos cinco reais para a regeneração da Mata Atlântica.

“Por que não fazer uma campanha de imprimir menos papel? Por que não conseguir emitir menos, por exemplo, no congresso. Promover palestras ou premiar clínicas e hospitais que se engajem nessa cultura. Fazer campanhas de plantio de árvores, de pró-alimento com menos agrotóxico. Isso também é favorável para a saúde e tem um link com o câncer. Pode parecer utópico, mas é tudo uma questão de estruturação e prioridade.”

Dra. Anelisa Coutinho
Presidente Eleita (2024)

Outras iniciativas possíveis

Entre as possíveis ideias que podem ser desenvolvidas e implementadas pela SBOC no eixo ambiental, podendo inspirar, inclusive, iniciativas de outras sociedades médicas e associados, destaca-se o que pode ser chamado de “dose certa do medicamento”. De fato, é possível observar que, frequentemente, as dosagens dos frascos de alguns quimioterápicos são inadequadas para seu uso, gerando, em muitos casos, um excedente do produto. Nesse sentido, a SBOC poderia atuar em conjunto com a indústria farmacêutica, visando à produ-

ção dos medicamentos em tamanhos mais adequados ao seu uso, o que poderia representar uma significativa economia para os convênios e o SUS, além de reduzir o volume de resíduos quimioterápicos gerados.

"Precisamos de um debate sobre a exposição que temos a produtos cancerígenos como sociedade. Tanto de uma perspectiva global (como agrotóxicos, alimentos ultraprocessados) quanto em relação à saúde dos trabalhadores expostos a substâncias nocivas no ambiente. São temas espinhosos, difíceis de tratar, mas que são urgentes e fundamentais."

Dr. Fernando Maia (Política Nacional de Prevenção e Controle do Câncer, Ministério da Saúde)

11) VISÃO DE FUTURO: NOVOS DESAFIOS PARA A SBOC

Para enfrentar seus novos desafios, inclusive como consequência de seu crescimento nos últimos anos, a SBOC realizou em 2022 o desenvolvimento de seu primeiro planejamento estratégico, com apoio de uma consultoria especializada. Nesse trabalho, foi possível discutir seu modelo de atuação e seus principais objetivos estratégicos, considerando inclusive a diversificação de fontes de receita, de forma a garantir a sustentabilidade da associação a longo prazo. Em 2023, o planejamento estratégico foi revisado, integrando na análise os principais temas ESG apresentados neste relatório.

Nesse processo, os membros da diretoria da SBOC tiveram a oportunidade de refletir sobre as ambições da instituição, assim como seus principais desafios, mantendo-se como um articulador independente no ecossistema da oncologia clínica no Brasil e como um dos atores centrais para apoiar o desenvolvimento e o aprimoramento dos médicos oncologistas em todo o território nacional.





